



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA  
CAMPUS LARANJEIRAS

ALEX RAFAEL BARROS SANTOS

**MUSEOLOGIA E ESQUIZOFRENIA: UM RELATO DE UM  
ESQUIZOFRÊNICO SIMPLES NO CAMPO MUSEOLÓGICO ARACAJUANO**

Laranjeiras/SE  
2019

ALEX RAFAEL BARROS SANTOS

**MUSEOLOGIA E ESQUIZOFRENIA: UM RELATO DE UM  
ESQUIZOFRÊNICO SIMPLES NO CAMPO MUSEOLÓGICO ARACAJUANO**

Monografia apresentada ao  
Departamento de Museologia da  
Universidade Federal de Sergipe, como  
requisito parcial para obtenção do grau de  
Bacharel em Museologia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Neila Dourado  
Gonçalves Maciel

Laranjeiras/SE  
2019

### Ficha catalográfica

---

S237m Santos, Alex Rafael Barros.

Museologia e esquizofrenia: um relato de um esquizofrênico simples no campo museológico aracajuano. / Alex Rafael Barros Santos. - Orientação [de] Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Neila Dourado Gonçalves Maciel. Laranjeiras/SE. UFS, 2019.

50 f.

TCC (Graduação Museologia) -- Universidade Federal de Sergipe,  
Departamento de Museologia.

1. Museologia. 2. Esquizofrenia. 3. Relato de experiência. 4. Práticas de inclusão. I. Maciel, Neila Dourado Gonçalves Orient. II. Universidade Federal de Sergipe/Campos Laranjeiras. III. Título.

CDU: 159.924.63:069.01 (813.7)

---

ALEX RAFAEL BARROS SANTOS

**MUSEOLOGIA E ESQUIZOFRENIA: UM RELATO DE UM  
ESQUIZOFRÊNICO SIMPLES NO CAMPO MUSEOLÓGICO ARACAJUANO**

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Neila Dourado Gonçalves Maciel (Orientadora)  
Departamento de Museologia – UFS

---

Prof.<sup>a</sup> Mc. Sura Souza Carmo (1<sup>a</sup> leitora crítica)  
Departamento de Museologia – UFS

---

Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Clovis Carvalho Britto (2<sup>o</sup> leitor crítico)  
Departamento de Museologia - UNB

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus...

Aos meus pais, aos meus familiares, aos amigos, aos ex-professores, aos colegas e aos professores do Departamento de Museologia por ter me ajudado a fazer a exposição sobre o CAPS de Laranjeiras e aos meus incentivadores do meu canal no youtube “Alex Santos, inclusão social sem fronteiras”, onde eu salvei a memória do evento para que não se perdesse no tempo e no espaço.

À direção do Campus de Laranjeiras, e demais funcionários que me ajudaram ao longo desses nove anos de curso de museologia. Agradeço também a equipe multidisciplinar do CAPS José Mecnas de Laranjeiras e aos amigos do curso de museologia que me incluíram nos seus grupos para me ajudar a fazer os trabalhos acadêmicos.

Meu agradecimento, também, ao Departamento de Psicologia da UFS pelo empréstimo de livros para a realização desta monografia. A minha orientadora Neila Dourado Gonçalves Maciel por ter me ajudado na construção deste trabalho, e a Clovis Britto e Sura Carmo por aceitarem avaliar esta reflexão para ampliação do campo museal brasileiro.

Agradeço a Psiquiatra Nise da Silveira [In memoriam] pela contribuição no processo de reforma psiquiátrica Brasileira, por ter mostrado no Museu do Inconsciente que os especiais são produtores de cultura dignos de serem respeitados e valorizados. E por fim, à luta antimonocultural.

## RESUMO

“Museologia e esquizofrenia: um relato de um esquizofrênico simples no campo museológico aracajuano” é um trabalho de conclusão de curso que tem como objetivo principal refletir sobre a insensibilidade e exclusão social nos espaços museais e na comunidade acadêmica da Universidade Federal de Sergipe. Trata-se de um relato de experiência no campo museológico sergipano por meio da minha própria trajetória enquanto aluno do Departamento de Museologia da Universidade Federal de Sergipe, onde busquei descrever o modo como vejo a mim mesmo, analisando a invisibilidade e representatividade das pessoas esquizofrênicas nos espaços institucionais e nas discussões museológicas. Este relato traz algumas considerações a partir dessa experiência, as quais pretendem colaborar com sugestões e provocações para que pensemos em ações e formas de promoção de uma museologia mais inclusiva e uma universidade menos normativa.

**Palavras-chave:** Museologia. Esquizofrenia. Relato de experiência. Práticas de inclusão.

## **ABSTRACT**

"Museology and schizophrenia: an account of a simple schizophrenic in the Aracaju museological field" is a work of conclusion of course that has as main objective to reflect about the insensibility and social exclusion in the museum spaces and in the academic community of the Federal University of Sergipe. This is an account of experiences in the Sergipean museological field through my own trajectory as a student of the Department of Museology of the Federal University of Sergipe, where I tried to describe the way I see myself, analyzing the invisibility and representativeness of the schizophrenic people in the institutional spaces and museological discussions. This report brings some considerations from this experience, which intend to collaborate with suggestions and provocations so that we think of actions and ways of promoting a more inclusive museology and a less normative university.

**Key-words:** Museology. Schizophrenia. Experience report. Inclusion practices.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. O INGRESSO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE .....	13
3. OS MUSEUS SERGIPANOS E A RECEPÇÃO DAS PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS.....	20
4. PRÁTICAS INCLUSIVAS .....	21
4.1 A exposição Práticas culturais do CAPS Laranjeiras X Barreiras sociais.....	23
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	31
6. REFERÊNCIAS.....	32
7. ANEXOS.....	34



## 1 INTRODUÇÃO

Meu nome é Alex Rafael Barros Santos, meus pais se chamam Ana Cristina Gratuliano Matos Barros e Roberval Nunes dos Santos. Sou morador da cidade de Aracaju no estado de Sergipe. Nasci no ano de 1985 na maternidade Santa Isabel, localizada na Avenida Simeão Sobral, no Bairro Santo Antônio, em Aracaju - Sergipe, estado da região nordeste do Brasil, país da América Latina.

Sou diagnosticado como esquizofrênico simples e a descoberta deste diagnóstico surgiu por volta dos 20 anos de idade, no último ano do ensino médio, quando estudava no colégio Cidade, localizado na Avenida Hermes Fontes, número 160, bairro Suissa, na capital sergipana. Atualmente o prédio funciona como clínica particular da Hapvida.

Neste ano de 2005 frequentava um projeto de assistência social voltado para jovens e adultos que tinha várias terapias ocupacionais, como por exemplo, oficinas de pintura, aula de violão e atendimento psicológico, entre outras. O projeto tinha o intuito de incentivar os jovens através da educação e cultura, objetivando a não inserção no mundo das drogas e/ou do crime, era realizado pela prefeitura de Aracaju no CAIC (Centro de Atenção Integral à Criança) da rua Reis Lima, número 181, no bairro Industrial, da capital do estado de Sergipe. É importante apontar que hoje as salas onde eram realizadas as oficinas estão abandonadas e ao lado foi anexada a instituição filantrópica da ramificação cristã espírita Legião da Boa Vontade.

Infelizmente fui acometido pela depressão, por causa do fechamento deste projeto na gestão de Marcelo Déda Chagas, então prefeito da cidade de Aracaju. Na época a prefeitura alegou falta de verba e acabei ficando na saudade da oficina de pintura, apesar de só conseguir desenhar arte abstrata e das aulas de violão que mal tocava uma música. O professor da oficina acabou me chamando de Tonho da lua, apelido que os meninos me deram na época da infância para adolescência, quando ainda morava na rua João Andrade. Ou seja, o preconceito na minha vida veio desde cedo, não por caso, que minha mãe relatava que “o povo mandava me aposentar porque diziam que eu não era normal e lugar de doido é no hospício.”

Na infância o médico me diagnosticou com hiperatividade, mas foi na fase adulta que a doença da esquizofrenia simples se manifestou. Logo fiquei triste por causa da incompreensão do mundo e do meio familiar por causa das conversas repetidas que eu sempre falava. Não conseguindo me adaptar ao meio social, cheguei pensar em suicídio neste momento, então fui encaminhado a psiquiatra Norma Cruz, a qual prescreveu medicação controlada, tendo também o intermédio do psicólogo Carlos do CAIC - Ministro Geraldo Barreto Sobral. Nesta época, eu e minha família não tínhamos conhecimento do funcionamento do Centro de Atenção

Psicossocial (CAPS) no estado de Sergipe. De acordo com o psiquiatra Eduardo Adnet no seu canal no youtube<sup>1</sup>, a descoberta da esquizofrenia simples não se dá de forma imediata no meio social, pois a doença pode ser manifestada anos mais tarde, é marcada pela falta de vínculo com a realidade, misturando fantasia com realidade.

A crise depressiva e existencial se intensificou no final do ensino médio gerada pela rejeição das “patricinhas” do colégio Cidade, associada a segregação social dos meus colegas de escola, de alguns professores, os quais chegavam até mandar tomar remédio controlado e ir embora da escola porque lugar de doente mental é no manicômio, assim como também, devido a uma mágoa de um irmão da igreja evangélica congregacional, o qual mandou eu tirar “o corpo de banda” porque não tinha dinheiro. Estes foram os fatores determinantes para que o Dr Carlos me encaminhasse para a psiquiatra Norma Cruz. Contudo, não gostei da experiência porque a médica psiquiatra não fazia interação como o psicólogo.

Nesse período, tinha a crença que havia nascido para sofrer, só porque eu não nasci rico. Afundando na depressão devido a realidade não ser da forma que idealizava acabei publicando o livro a “Lua do meu céu” (Figura 1). A obra se assemelha ao livro “Lira dos vinte anos” de Alvares de Azevedo, poeta da segunda geração ultrarromântica do século XIX, pelas seguintes características: a morte com a solução para os problemas diários e a idealização da mulher para felicidade do indivíduo.



Figura 1 – Livro Lua do meu céu. Fonte: Acervo particular do autor

Na mistura entre a realidade e fantasia, gerada pela esquizofrenia simples, meus colegas do colégio Cidade me iludiam com falsas esperanças para ver “o circo pegando fogo”. Acabava acreditando nos amores impossíveis de serem consumados pela realidade dos fatos e sofria muita perseguição por pessoas da localidade, as quais me rotulavam de “Tonho da lua”

<sup>1</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=zC42124kmIE>

e diziam que eu não iria chegar a lugar nenhum. Mas terminei o ensino médio sem reprovar em nenhuma matéria.

No intervalo de 2005 a 2009 fiz os seguintes vestibulares para entrar na Universidade Federal de Sergipe: publicidade e propaganda; jornalismo com especialização para rádio e televisão; pedagogia; letras – português; e por fim coloquei história e segunda opção museologia. Antes disso, estudei letras português na Universidade Tiradentes cerca de seis meses, mas desisti porque ninguém queriam fazer trabalho comigo inclusive não me senti acolhido e as pessoas me chamavam de doente mental. Chegaram a dizer que ali não era lugar para louco. Segundo a pesquisadora Marta Dantas,

a concepção da loucura como doença mental é recente no mundo ocidental, datando do início do século XIX. Antes dessa época, a experiência da loucura era bastante poliforma e não possuía suporte médico. Por exemplo, no período pré-socrático (portanto, até o século V a. C.) não existia uma concepção estruturada de “natureza humana”; as bizarrices – perda do bom senso, descontrole emocional, insanidade – não eram tidas como inerentes aos seres humanos, mas sim como obra dos deuses, quer fosse de Zeus, das Erínias ou da Atê, a cegueira da visão. Assim, o comportamento insensato, irracional, era determinado por uma ordenação transcendente à consciência humana – sua origem era, portanto, mítica. Ele não acarretava qualquer estigma ou sentimento de culpa, tampouco necessitava de cura, já que não era visto como doença, e sim como desordem transitória. É importante lembrar que, nesse período, o teatro grego, ou a tragédia ática, como prefere Nietzsche, permitia uma catarse coletiva, pois o espectador grego deixava o mundo da cena atuar sobre ele, não de modo estético, mas sim corpóreo, empírico, chegando até mesmo a interferir na própria cena. Na Idade média e no Renascimento existiam hospitais com leitos reservados às formas da loucura como curáveis, porém não havia, por trás disso, um discurso médico. No século XIX aparecem as massas, e a modernidade necessita, mais do que nunca, simultaneamente à patologização da loucura, desenvolver saberes sobre o corpo, com o objetivo de controlar a vida social que, então, deve ser regulada pelo aspecto físico, pela aparência do corpo e pela sua atitude. Para controlar as massas, faz-se necessário mais do que a introdução dos hospitais e do discurso psiquiátrico: é preciso identificar aquele que é degenerado. Portanto, faz-se necessário criar uma taxionomia dos rostos, para assegurar a composição de um tipo ideal, de uma estética ideal do corpo humano. Foram várias as contribuições científicas, entre os séculos XVIII e XIX, para criar o padrão estético do homem moderno a partir da investigação de seu próprio corpo: 1) a fisiognomonia, de Lavater (arte de conhecer o caráter das pessoas através de seus traços fisionômicos); 2) a antropometria (conhecimento das diversas dimensões do corpo humano); 3) a frenologia, de Franz Gall (estudo do caráter das funções intelectuais tendo por base a conformação do crânio); 4) a antropologia criminal, de Cesare Lombroso; 5) os trabalhos de Charles Darwin sobre as expressões da emoção. Assim, constituiu-se, ao longo daqueles séculos, um complexo científico-jurídico através do desenvolvimento sucessivo de trabalhos de estatística, fisiologia, medicina e criminologia em que os gestos de observar, julgar, punir e curar o ser humano se confundem. (DANTAS, 2009, p. 41).

Antes do ingresso na universidade visitei o Museu do Homem Sergipano, na época dirigido pela professora do curso de Museologia Verônica Nunes. O ano era 2009 e foi então que fiz o vestibular para História e como segunda opção, Museologia. Sendo chamado, portanto, para a segunda opção, ingressei na UFS como estudante de Museologia.

É preciso dizer que meu encontro com a museologia não foi “amor à primeira vista”, mas a minha identificação e o reconhecimento com o campo museológico vieram com os nove anos de convivência com a simpatia do “museu interior”, conceito abordado por Tereza Scheiner. Esta pesquisadora faz referência aos trabalhos artísticos do sergipano de Japarutuba Athur Bispo do Rosário, um esquizofrênico paranoide que pegava o material que o pessoal jogava no lixo e o transformava em obra de arte na colônia psiquiátrica Juliano Moreira.

Chegando agora na reta final do curso penso que dividir as minhas experiências ao longo de quase dez anos de convivência com colegas e professores, dificuldades, aprendizados, e muitas manifestações de preconceitos, seja de grande relevância para o campo da Museologia Sergipana e também, para a comunidade acadêmica se dar conta da realidade diversa de seus membros. Passei por muitas dificuldades, mas não desisti do curso de museologia porque tenho esperança que este trabalho possa ajudar as pessoas a perderem o medo dos indivíduos com necessidades especiais.

Sendo assim, o principal objetivo desta monografia é buscar mais inclusão social nos espaços museais e na comunidade acadêmica da Universidade Federal de Sergipe. Trata-se de um relato de experiência no campo museológico sergipano por meio da minha trajetória enquanto aluno de museologia da Universidade Federal de Sergipe, buscando descrever o modo como vejo a mim mesmo, analisando a invisibilidade e representatividade das pessoas esquizofrênicas nos espaços institucionais e nas discussões museológicas.

Outro objetivo desse trabalho, é esclarecer e descrever de modo breve sobre o que é viver com a esquizofrenia simples. Buscamos demonstrar que esquizofrênicos são portadores de cultura e que não podemos ser negligenciados a ponto de vivermos condenados aos manicômios, sem perspectivas de vida, aumentando o índice de suicídio dessa população marginalizada.

As terapias ocupacionais são indispensáveis para saúde física e mental deste público e é primordial que as instituições museais realizem ações educativas para a inclusão social, promovendo a dignidade social e o exercício da cidadania para amparo da representatividade e reconhecimento dos pacientes e de sua família.

Desde já, é necessário clarificar que pessoa com necessidades especiais não é sinônimo de incompetência. Muitas vezes falta conhecimento e disposição para entender as diferenças, e daí a importância dos museus desenvolverem ações para todos os tipos de público. Essa proposta visa ampliar o conhecimento sobre as pessoas com esquizofrenia, apresentando novos universos e visão destas pessoas que estão à margem da sociedade. Desprezar estes indivíduos

é negar a nós mesmos. Os museus não devem, e não podem, manter esta barreira permanecendo com tamanha exclusão social.

A escolha deste objeto de pesquisa se deu justamente devido a inexistência do acolhimento do público esquizofrênico, seja nos espaços museais ou nas universidades. No decorrer do curso de museologia, pude perceber a ausência de ações educativas para inserir as pessoas com esquizofrenia, tanto nas instituições museológicas quanto dentro dos espaços da universidade. Sendo assim, esperamos que este trabalho possa contribuir para a inserção de famílias, grupos e pessoas com esquizofrenia, que possam ter um lugar de interação social, fomentando a inclusão de novos talentos que muitas vezes estão à margem da sociedade. Buscamos, assim, romper com estereótipos nos quais o esquizofrênico é visto como incapaz e muitas vezes é excluído dos espaços museais e de produção de conhecimento.

Como se trata de um relato, a metodologia utilizada parte da história oral, onde busco fazer uma seleção dos fatos marcantes da minha vida e a trajetória na comunidade acadêmica no curso de Museologia da Universidade Federal de Sergipe. Minha meta não é explicar toda a minha vida, porque há acontecimentos que não lembro-me, como também não tem importância para construção desta monografia. Também realizei pesquisas na biblioteca universitária da UFS e acervos de livros pertencentes ao próprio nativo para a análise da problemática do trabalho.

A monografia está dividida em três capítulos, os quais delineam a minha trajetória dentro do curso e abordam algumas reflexões sobre o campo da museologia sergipana. No primeiro capítulo conto um pouco sobre o processo de aprendizagem e minhas experiências com as disciplinas cursadas, além das dificuldades encontradas na realização dos trabalhos e nas práticas do curso. No segundo, relato minhas experiências enquanto público e também enquanto estudante de museologia nos museus sergipanos da cidade de Aracaju, São Cristóvão e Laranjeiras. Já no terceiro capítulo, descrevo sobre o sentimento de exclusão nas práticas museológicas e como algumas ações podem ser pensadas para tentar quebrar um pouco alguns tabus e preconceitos. Apresento o relato da exposição idealizada por mim, com a orientação das professoras Sura Carmo, Priscila de Jesus e Neila Maciel. Exposição que contou com a participação do CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) José Mecnas, da cidade de Laranjeiras, realizada em 2018, no Foyer do Campuslar, cuja programação também contou com palestras e oficinas de capoeira, maculelê, entre outras ações.

## **2 O INGRESSO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Ingressei no curso de Museologia da UFS no ano de 2010 no mês de janeiro no Campus de Laranjeiras, localizado na rua Samuel de Oliveira, sem número (s/n). Ao longo de 9 anos do curso de museologia fui isolado socialmente porque poucas pessoas gostavam de fazer trabalho comigo. Cheguei a me sentir o pior homem do mundo e pensei várias vezes em suicídio por causa da exclusão social e não adaptação da normas da ABNT. Cheguei até tomar 7 comprimidos de uma vez e fui encaminhado no ano de 2017 ao CAPS Jael Patrício de Lima localizado na rua J, s/n , Loteamento Jardim Indira, Bairro Cidade Nova Conjunto Pau Ferro, próximo ao terminal da Maracaju do Santo Dumont.

Mas superei esta fase depressiva graças as orientações do CAPS e sua equipe multidisciplinar, composta de psiquiatra, psicólogos, enfermeiros, professores de danças, de educação física, artes e terapeutas ocupacionais. Hoje em dia não penso mais em suicídio por causa das palestras de auto ajuda que frequento no CAPS.

A exclusão social foi alimentada muitas vezes pelos meus colegas de museologia, os quais chegavam ao ponto de enviarem as piores desculpas para não entrar nos grupos de matérias e atividades curriculares. Mas, sou eterno grato a Carlos Braz, Fabiano Luz, Beatriz Luesca, Elisângela Mota, José Robson, Amaro Neto e Rosely Bezerra que sempre me colocaram nos grupos e me deram conselhos para não cometer suicídio porque sempre há esperança, pois os problemas se resolvem na fé em Deus.



Figura 2: Colegas de turma.



Figura 3: Turma de Museologia.

As matérias que tive maior familiaridade foram: Introdução a Antropologia, Antropologia do Brasil e Antropologia nos Museus, pelas questões filosóficas das suas problemáticas ligadas as questões dos preconceitos raciais, sexualidade, exclusão social e o contraponto entre arte e loucura de Athur Bispo do Rosário, como também a interpretação da cultura nativa pela própria cultura nativa de Roque Laraia (2009) quando explica o conceito de cultura.

As práticas culturais que me identifiquei do curso de museologia, ao longo desse nove anos foram: o evento que organizei em 26 e 27 do mês de setembro de 2018 e as montagens de exposições dos dois grupos na disciplina Exprografia II, ministrada pela professora Priscila de Jesus em 2018. O meu grupo montou a exposição itinerante “Violência contra a mulher” (Figura 4) no Centro Cultural em Aracaju, localizado na Praça General Valadão. Esta exposição teve bastante visitação, sendo prestigiada pelas TV’s Atalaia, Alese, TV Câmara e pelo Jornal da Cidade. Acabei emitindo meu diagnóstico e coloquei um poema no varal da exposição. (Figura 5).

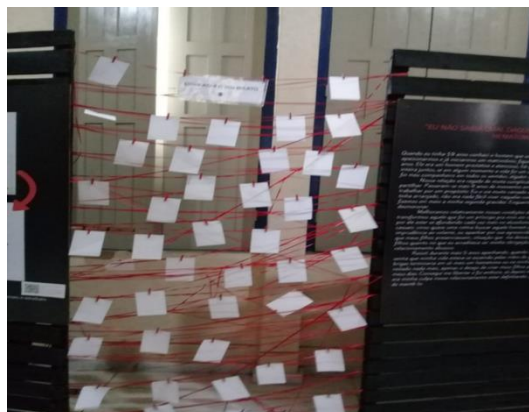


Figura 4: Detalhe da exposição “E se esse corpo fosse meu?” Fonte: Acervo particular do autor.

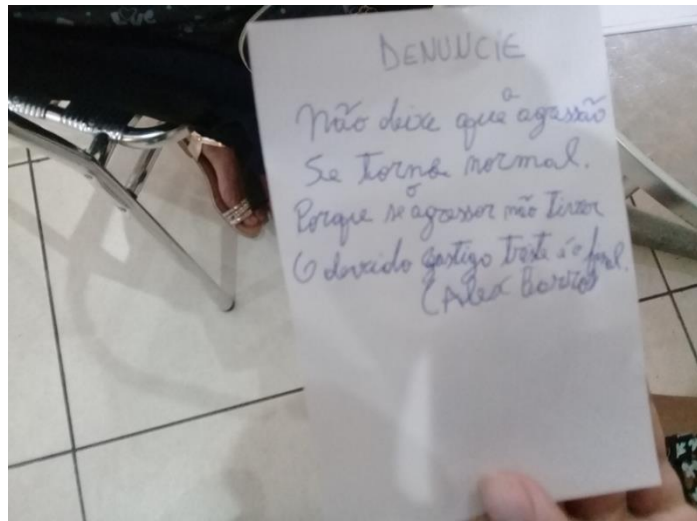


Figura 5: Meu diagnóstico sobre a exposição Fonte: Acervo particular

Foi interessante a exposição porque tivemos a experiência de como é trabalhoso montar e desmontar uma exposição, mas foi gratificante pelo interesse do público visitante. Já o outro grupo montou a exposição “Memória da infância” (Figuras 6 e 7), a qual gostei muito porque matei a saudade dos brinquedos que brincava quando era criança. Mesmo não tocando nos objetos pude emitir avaliação da exposição interante deste outro grupo que foi realizada no hall de entrada do Campus da Universidade Federal de Sergipe, no município de Laranjeiras.



Figura 6: Detalhe da exposição memória da infância. Fonte: Acervo particular do autor





Figura 7: Detalhe da exposição Memória da Infância. Fonte: Acervo particular do autor.

A realização da performance na disciplina Arte Brasileira III, ministrada pela minha orientadora, foi para mim uns dos acontecimentos mais marcantes no Campus da Federal no município de Laranjeiras, porque protestei contra capsfobia e psicofobia buscando mais inclusão social dentro do meio acadêmico e nos espaços museais da grande Aracaju. A performance aconteceu em janeiro de 2019. Me vesti de saco de lixo e sugeri aos meus colegas que colassem as frases do poema “Exclusão social”, escrito por mim, no meu corpo (Figura 8 e 9):

**“Exclusão social”**

O Brasil que eu quero:

É mais inclusão social para o país se tornar menos desigual.

Fora a psicofobia é tudo que espero!

Nos espaços museais sergipanos tem inclusão social?

Qual é a razão da exclusão social?

Se temos o direito à liberdade!

Se aprendemos com a diversidade!

O CAPS não é sinônimo manicomial

Porque cuida do vício da droga, da bebida, da depressão, não só da área mental.



Figura 8: “Exclusão social” Fonte: Acervo do autor



Figura 9: “Exclusão social” Fonte: Acervo do autor

O poema foi dividido em dez caixas espalhadas pelo campus, inspirado no artigo “Desvelando o museu interior” (1998) da pesquisadora Tereza Scheiner, e no poeta e pesquisador Mário Chagas que disse que o museu deve ser que nem cortejo, quando deu uma palestra no Museu da Gente Sergipana, no ano de 2012. Logo a museologia e o museu pode estar em qualquer lugar, tempo e espaço, não sendo obrigados a seguirem padrões estabelecidos pela sociedade, ou seja, as caixas e rótulos não são capazes de mostrar as virtudes e qualidades de uma instituição, um indivíduo ou de um povo. Minha problemática na realização da performance foi para que pensássemos sobre a exclusão social, pois aprendemos uns com os outros, combatendo o medo com informação (Figura 10, 11 e 12).



Figura 10: Performance Exclusão social. Fonte: Acervo particular do autor





Figura 11 e 12: Performace Exclusão social. Fonte: Acervo particular do autor

No semestre de 2018.1 sugeri a professora Sura Carmo que gostaria de fazer uma exposição sobre o CAPS proximo a minha casa, mas a professora do departamento de museologia me orientou que não seria viável por causa da burocracia e logística na cidade de

<p align="center"><b>O CAPS</b> <b>José Fernandes Mecena</b></p> <p>Endereço: Rua da Comandaroba S/N, Bairro Comandaroba.</p> <p>Telefone: 3281-1200</p> <p align="center"><b>Equipe Técnica</b></p> <p>Ardiles Madureira – Diretor Administrativo Igor Dantas – Psicólogo Isabel Cristina – Psicóloga Doride Monteiro – Psiquiatra Paloma Aragão – Enfermeira Marcos Machado – Técnico de enfermagem Helenilda Accioli – Assistente Social Telma Maria – Auxiliar administrativo Sullivan Santos – Oficineiro Gilson Santos – Oficineiro Patrícia Amanda - Oficineira</p>	<p align="center"><b>Atividades</b> <b>CAPS</b></p>	<p align="center"><b>CAPS I - JOSÉ FERNANDES MECENA</b></p> <p align="center"><b>José Fernandes Mecena</b> Saúde Mental: Responsabilidade de todos nós</p> <p align="center">PREFEITURA DE <b>LARANJEIRAS</b> QUE SEJA FEITA A VONTADE DO POVO</p>
--	---	--

Aracaju. Logo fui recomendado a fazer a exposição sobre o CAPS José Mecenas, localizado em Laranjeiras, na Rua da Comandaroba, número 1, no centro da cidade, próximo ao cemitério municipal, cujo horário de atendimento para o usuário é de 7h00min às 12h00min da manhã. O de Aracaju funciona 24 horas, de segunda à sexta, frequento todas as quartas feiras.

Recebi esta sugestão na matéria Estágio Obrigatório, ministrada pela professora Sura Carmo, e foi importante para que os moradores da cidade e os estudantes da Universidade Federal de Sergipe em Laranjeiras perdessem a crença de que o CAPS da cidade é sinônimo de manicômio. A experiência sobre essa exposição será aprofundada no capítulo 4, com mais detalhes e imagens.

É importante ressaltar que nesta disciplina prática do curso de museologia tive bastante dificuldade na montagem, e também no levantamento das peças produzidas na oficina de pintura em telha e tela, artesanato de argila e palito de picolé, de letramento, na montagem da exposição digitação dos relatórios e na execução do projeto, por não ter amplo domínio da informática. Graças a Deus os colegas foram sensibilizados pela professora Sura Carmo, se não fosse esta ajuda eu teria sido reprovado, ou seja, não podemos pensar em educação inclusiva padronizando todos os alunos da comunidade acadêmica.

Sinto-me excluído do sistema acadêmico porque a universidade não fornece ao aluno com necessidades especiais um monitor para fazer correção e digitação dos trabalhos acadêmicos. Cheguei a reprovar na matéria Conservação Preventiva e na Metodologia da Ciências Sociais Aplicadas por falta de apoio pedagógico individual acadêmico, e por causa dos efeitos da medicação fui reprovado em Teoria da Museologia. Pensando sobre este sistema de ensino me pergunto se algum dia vou me formar porque a instituição não me proporciona meios de me adaptar ao sistema das normas da ABNT, entre outras padronizações.

### **3 OS MUSEUS SERGIPANOS E A RECEPÇÃO DAS PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS**

Após ter cursado as matérias Educação e acessibilidade e Avaliação em museus, ministradas pela professora do departamento do curso de museologia Cristina Valença, cheguei a terrível constatação de que não há acessibilidade nos museus quando se trata de pessoas com necessidades especiais, sobretudo, com relação a problemas mentais. Foi possível constatar que os funcionários e estagiários dos museus da grande Aracaju ficam, em sua maioria, na defensiva, pensando até que os especiais estão propensos a matar, destruir os acervos ou agredir

alguém. Seguem a lógica do determinismo biológico e geográfico, como visto na matéria Antropologia do Brasil, ministrada por Clovis Britto, ex-professor do Departamento de Museologia da UFS. Inclusive, fui chamado atenção no Museu da Polícia, localizado na Praça São Francisco, no município Sergipano de São Cristóvão, e no Museu Olímpio Campos, localizado na Praça Fausto Cardoso, no centro da capital sergipana, Aracaju. Quando estava fazendo uma pesquisa de forma individual sobre a matéria avaliação em museu os estagiários destas instituições mandaram ficar quieto porque ali não era lugar para “Tonho da lua”.

Percebi que há uma total invisibilidade nas práticas executadas porque não há uma ação educativa sobre o CAPS entre os alunos de museologia, nem entre os funcionários e estagiários dos museus. Visitei tanto como público espontâneo, como também enquanto estudante em atividade, os seguintes espaços: Museu Olímpio Campos, localizado na praça Fausto Cardoso; Centro Cultural de Aracaju, na Praça General Valadão; Museu da Gente Sergipana, na Avenida Ivo do Padro; Museu de Arte Sacra de São Cristóvão; Museu Histórico de Sergipe; Museu da Polícia Militar de Sergipe, os três são localizado na praça São Francisco no município sergipano São Cristóvão; Museu de Arte Sacra de Laranjeiras, na praça Heráclito Diniz número 39; Museu Afro de Laranjeiras, na rua José do Prado número 70 e Casa de Cultural João Ribeiro, estes museus são localizados no centro da cidade de Laranjeiras no estado de Sergipe. Em todos estes espaços citados, pude sentir o despreparo e muitas vezes o preconceito com relação às minhas limitações e ao meu processo de aprendizagem.

Inspirado em Nise da Silveira, após uma aula de Arte brasileira III, ministrada pela professora Neila Maciel, sugeri criar um Museu da inclusão social para musealizar as obras produzidas no CAPS José Mecnas, mas a professora me disse para refletir se esta idéia era mesmo interessante, porque poderia gerar mais segregação social. Então, podemos pensar que o ideal é que todos convivam em harmonia dentro dos espaços museais, ou seja, é melhor os que já existem buscar inserir os esquizofrênicos, e as demais pessoas com necessidades especiais, dentro das ações educativas nos espaços museais para que as pessoas se libertem do sanatório interior.

#### **4 PRÁTICAS INCLUSIVAS**

Segundo Dorgival Caetano, Osvaldo Frota Pessoa e Luiz Paulo de C. Becheli, a esquizofrenia é caracterizada pelos sintomas de perda da noção da realidade do mundo físico, onde o paciente vive entre mundos paralelos do mundo real e surreal, adquirindo uma nova identidade. Como consequência, não consegue separar realidade da fantasia, sofre com visões

perturbadoras que geram isolamento social pela mente do próprio indivíduo. No entanto, para os autores, a terapia ocupacional é de extrema importância para o relacionamento do paciente e sua inserção social. Os autores ainda descrevem que “[...] como para nós, também o esquizofrênico, o trabalho deverá estar voltado para a produção. Com isso podemos nos afastar das posturas humanistas, onde trabalho é determinado pelo ocupar o tempo de alguém incapacitado”. (CATEANO; PESSOA; BECHELLI, 1993, p. 264).

Assim, percebemos que, tanto o trabalho quanto o lazer, são instrumentos da inserção social, e como tal, também para o esquizofrênico, objeto de capacitação.

Entendemos o museu enquanto uma instituição permanente sem fins lucrativos, que teoricamente deveria estar a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que tem como premissa adquirir, conservar, investigar, comunicar e expor o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio com fins de educação, estudo e deleite. Algumas perguntas passam por minha mente, tais como: não seriam estes espaços de inserção? Qual é sua função social e como vem sendo pensado na participação e inclusão do público esquizofrênico? Existe um trabalho sendo pensado e desenvolvido na cidade de Aracaju?

Levando em conta este pressuposto, o Museu pode vir a ser um local importante para o desenvolvimento de atividades, buscando minimizar a exclusão ao inserir as pessoas com esquizofrenia.

O trabalho é um instrumento da inserção social e como tal, também para o esquizofrênico, objeto de capacitação. Levando em conta este pressuposto, pode-se abandonar a indicação de atividades na expectativa de minimização dos sintomas ou na medida de proteção do paciente em relação dos sintomas ou como na medida de proteção do paciente em relação aos seus próprios sintomas. Creio que assim pode ser porque atualmente a busca desses objetos pode ser feita mente com uso adequado da medicação. (CAETANO; PESSOA; BECHELLI, 1993, p. 264).

De acordo com Nelsi Salete Tonini, Bruna Tais Zack, Crislaine Maria dias e Mireile Cristina Constantini, a família tem papel fundamental na inserção social do portador do sofrimento psíquico. Para isso se deve ter o acompanhamento dos profissionais dos CAPS juntamente com as oficinas psicoterapêuticas para o exercício da cidadania e inclusão social, possibilitando ao paciente ser inserido na sociedade de forma pacífica, gradual e dinâmica.

Utiliza-se das oficinas artísticas dessas unidades terapêuticas de saúde mostrando que “lugar de doido” não é no hospício, isolado da sociedade, recebendo maus tratos diários para aliviar os sintomas da doença, como a ciência no passado estabelecia. Esses métodos incentivam o aumento de índices de suicídio coletivo nos manicômios no Brasil e no mundo. Logo percebemos que nestas unidades psiquiátricas podem surgir grandes artistas na música,

no artesanato, na poesia, etc. Além disso, o uso de medicamentos se faz necessário para controle dos sintomas psicossomáticos para o bem-estar do próprio indivíduo. Portanto, esses três fatores citados acima são inseparáveis para a construção da inserção social. Conforme os autores:

A família precisa ser inserida de forma efetiva de forma efetiva na assistência em saúde mental, deve ser ouvida e compreendida, para que seus anseios sejam acolhidos e sua sobrecarga diminuída, sendo que a família deve ser vista como facilitadora no processo de reinserção social da pessoa com transtorno mental. Dessa forma a equipe da saúde tem a possibilidade de interferir de forma positiva a promoção de saúde mental, sendo que a mesma desenvolve ações para produzir mudanças sociais possibilitando a ressocialização desses indivíduos. (TONINI; ZACK; DIAS; CONSTANTINI, 2014, p. 12).

#### 4.1 A exposição “Práticas culturais do CAPS Laranjeiras X Barreiras sociais”

Como já foi comentado acima, nos dias 26 e 27 de setembro de 2018 organizei um evento pelo Departamento de Museologia, em parceria com o CAPS José Mecenas, localizado na rua da Comandaroba, Centro de Laranjeiras Sergipe. Esta montagem foi uma atividade da disciplina Estágio obrigatório e foram precisamente três meses de levantamento das peças das oficinas de argila, pintura em telha e tela, alfabetização, entre outras ações desenvolvidas pelos profissionais do CAPS. (Figuras 13 a 18).

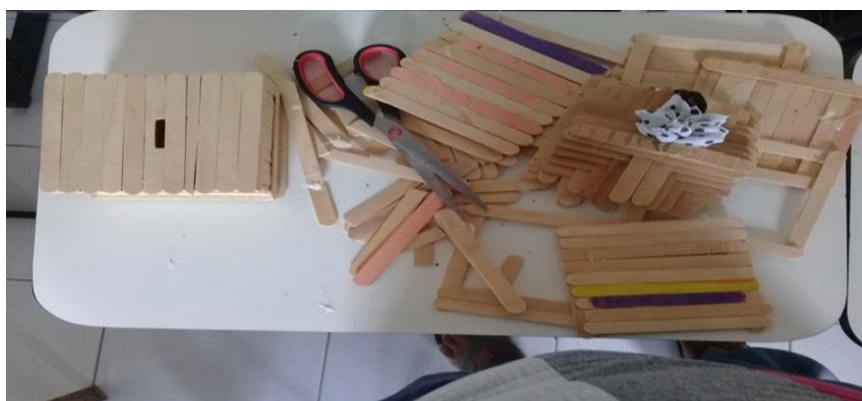


Figura 13



Figura 14



Figura 15



Figura 16





Figura 17



Figura 18

Este projeto foi executado graças a Deus, e contou com a cooperação de Artiles Madureira e a equipe mutliclipinar do CAPS. Esta instituição e sua equipe foram bem receptivos para a realização deste evento, sendo de funtamental importância na tentativa de quebrar as lendas que loucura e esquizofrênia são sinônimos de psicopatia, como também que loucura não é contagiosa, como vemos no livro “Alienista” de Machado de Assis, e que CAPS não é igual a sanatório, espaço onde se jogavam as pessoas especiais para fora do convívio social.



Figura 19

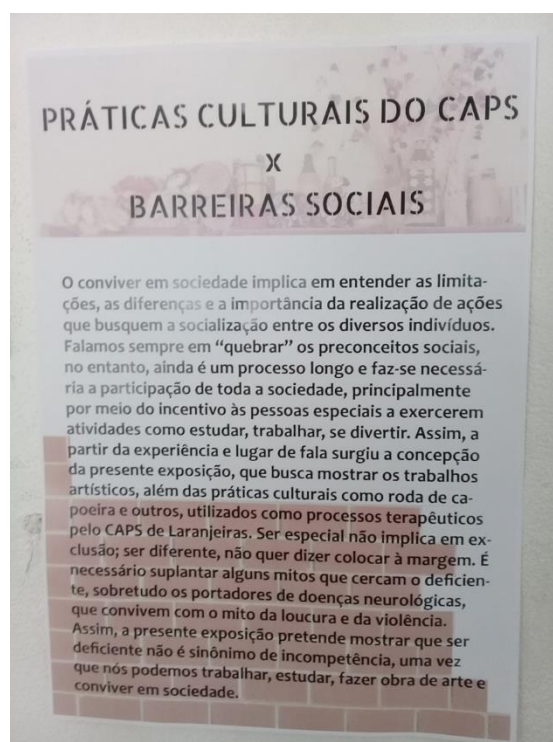


Figura 20

Este evento foi intitulado “Práticas culturais do CAPS de Laranjeiras x Barreiras Sociais” e contou com uma exposição de objetos produzidos nas oficinas do centro, palestras e oficinas de capoeira, maculelê e expressão corporal. (Figura 19 a 23).



Figura 21



Figura 22



Figura 23

Pensei que iria reprovar na matéria porque já estava no fim do semestre, e também imaginei abandonar a museologia pelo transtorno de ansiedade e negatividade. Todavia, embora a maioria dos alunos do campus de Laranjeiras não tenham tido a possibilidade de participar, pois as aulas já haviam sido encerradas, foi gratificante para mim ver a interação do público presente. Estiveram presentes alguns colegas do curso de museologia e de outros cursos da UFS, os quais me ajudaram nos dois dias do evento, o grupo de idosos da cidade de Laranjeiras, os usuários do CAPS e seus familiares, e o público em geral. Foi muito bom a experiências das oficinas de capoeira, maculelê, dança e musicoterapia para mostrar que o frequentador dos CAPS tem muitos talentos na área artística e cultural, além do que perdemos muitas calorias nas atividades.





Figura 24



Figura 25

O evento foi marcado pela palestra do psiquiatra do CAPS mostrando a importância da preservação da vida na campanha Setembro Amarelo, mostrando que suicídio não é drama e nem frescura, as pessoas precisam amar umas as outras para ter menos suicídio no meio social. A palestra do diretor do CAPS na época da realização do evento foi de fundamental importância porque mostra como esta instituição está de braços abertos para ajudar quem precisa de apoio emocional. A palestra da secretária de saúde mostrou que precisamos mais de fé e amor para cuidar melhor da sociedade, sugerindo mais acessibilidade para as pessoas especiais para

diminuir as barreiras sociais. Logo, tive uma enorme satisfação de ver as oficinas de bordado, argila, pinturas e alfabetização. Foi muito gratificante ajudar a promover inclusão social através de uma ação de extensão universitária.



Figura 26



Figura 27

A partir de minhas experiências ao longo do curso e, principalmente, depois que construí este evento, penso que posso fazer algumas sugestões para o campo museológico sergipano: que o Departamento de Museologia, professores e estudantes, possam promover eventos similares a este que organizei, que os objetos produzidos nas oficinas do CAPS José Mecnas, na cidade de Laranjeiras, no estado de Sergipe, sejam expostos na região sergipana da grande Aracaju em parcerias dos governos federal, estadual e municipal. Como também pode ser feita uma exposição fotográfica dos trabalhos culturais do CAPS de laranjeiras na

grande Aracaju, usando esta monografia como referência, além dos vídeos que estão no canal “Alex Santos - inclusão social sem fronteiras”. É importante dizer que tive a iniciativa de fazer este canal no youtube para que as memórias do evento não se perdessem no tempo e no espaço, e para que as minhas reflexões ganhassem o mundo.



Figura 28

Pensando nas palavras da professora Neila Dourado, na disciplina Arte brasileira III, reflito que fazer um museu físico não seja viável devido a falta de recursos e interesse político, mas quem sabe um museu da inclusão no formato virtual. Visto que, no formato virtual teria mais visibilidade para musealizar as obras das oficinas do CAPS José Mecenaz, entre outros CAPS. E por fim, seria interessante ter ações de extensão para que os alunos da UFS de Laranjeiras conheçam o CAPS para se libertarem do manicômio interior, porque o CAPS cuida de pessoas drogadas, bêbadas, depressivas, e não só de pessoas especiais. Propiciando assim, a diminuição dos preconceitos. Inclusive um ex-funcionário da UFS foi liberto do mundo das drogas e do álcool através do tratamento no CAPS.



Figura 29



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos a conclusão que é de extrema importância a promoção de políticas de acessibilidade nos espaços museais e no meio acadêmico da grande Aracaju, não apenas com relação a aspectos físicos, mas em todos os aspectos ligados a necessidades especiais para portadores de deficiências.

Através do meu relato foi possível perceber várias dificuldades enfrentadas por quem não se enquadra na categoria considerada “normal” diante da sociedade. Esse trabalho se construiu metodologicamente a partir da utilização de referências bibliográficas e pesquisas de campo, buscando dar voz a esses indivíduos cujas memórias são silenciadas pela sociedade, a partir do meu próprio relato de experiência no campo museológico sergipano. Desenvolvi essa análise reflexiva a partir da minha visão, enquanto estudante esquizofrênico diagnosticado com esquizofrenia simples sobre a invisibilidade dos esquizofrênicos nos espaços museais aracajuanos, no intuito também de avaliar a política de inclusão (in)existente nesses espaços museais da capital sergipana.

Portanto, a minha contribuição para os estudantes de museologia e para o campo de estudos se dá a partir de um olhar ativo de quem sempre se sentiu excluído nos espaços musealizados. E mesmo sendo estudante passei por diversas experiências de negligência e falta de preparo dos profissionais da área. Penso que se faz necessário a realização de eventos similares ao evento que organizei.

O evento organizado por mim, Alex Rafael Barros Santos, estudante de museologia, portador de esquizofrenia simples, nos dias 26 e 27 de setembro de 2018, onde as práticas culturais versus barreiras sociais, foi pensado na intenção de combater a crença que o CAPS em Laranjeiras é sinônimo de manicômio e que a esquizofrenia é sinônimo de psicopatia, logo não podemos nos basear na obra ficcional de Machado de Assis, “O alienista”, onde a loucura é vista como contagiosa e que o louco deveria ser isolado socialmente.

Portanto, constatamos a falta de projetos de extensão, pesquisa e exposições fotográficas sobre os trabalhos culturais dos CAPS sergipanos dentro dos espaços museais e no campo museal da grande Aracaju e no estado de Sergipe como um todo. Estas são ações primordiais para haver no futuro mais inserção social no meio familiar e na sociedade. Finalizamos com a seguinte questão: se aprendermos uns com outros porquê tanta exclusão social para pessoas especiais?



Figura 30

## REFERÊNCIAS

CAETANO, Dorgival; BECHELLI, L. P. C. **Esquizofrenia**: Atualização em diagnóstico e tratamento. Ateneu, 1993.

CULTURA, Genial. Disponível em: [www.cultura-brasileiragenial.com](http://www.cultura-brasileiragenial.com). Acesso em 27 ago. 2018.

DANTAS, Marta. **Arthur Bispo do Rosário**: a poética do delírio. São Paulo: UNESP, 2009.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2009.

NOTÍCIAS, Portal entre. Disponível em: [www.entrenoticias.com.br](http://www.entrenoticias.com.br). Acesso em 27 ago. 2018.

PROENÇA, Alexandre. Disponível em [www.alexandreproenca.com.br/](http://www.alexandreproenca.com.br/). Acesso em 27 ago. 2018.

SAÚDE, Ministério. **Centro Cultural Ministério da Saúde**. Disponível em: [www.ccs.saude.gov.br](http://www.ccs.saude.gov.br). Acesso em 27 ago. 2018.

SCHEINER, Tereza C. M. Museologia e arte uma imprecisa relação. In: XVIII Conferência Anual do ICOFOM. **ICOFOM STUDY SERIES**. Rio de Janeiro: Tacnet Cultural/ICOFOM, v. 26. p. 268-290, 1996.

\_\_\_\_\_. Apolo e Dioniso no templo das musas. In **Museu**: gênese, ideia e representações na cultura ocidental. Dissertação (Mestrado) ECO/UFRJ. Rio de Janeiro, 1998.



SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA. **DENARC**. Disponível em: [www.dernac.pr.gov.br](http://www.dernac.pr.gov.br). Acesso em 27 ago. 2018.

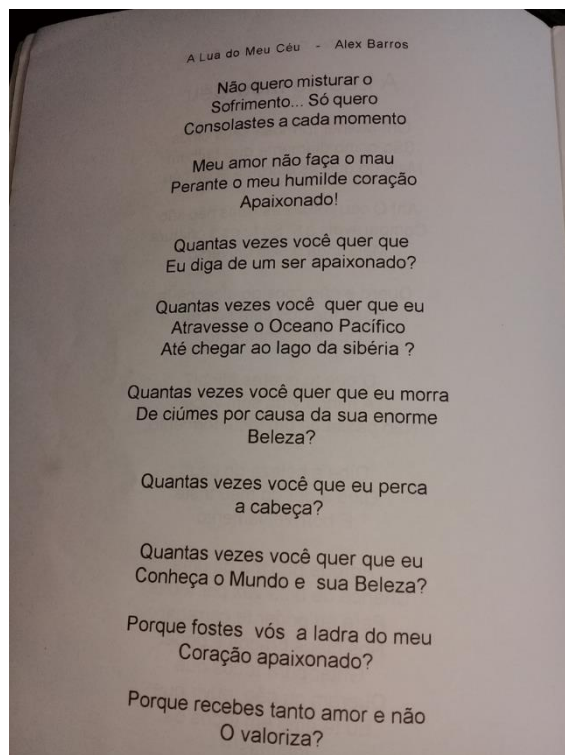
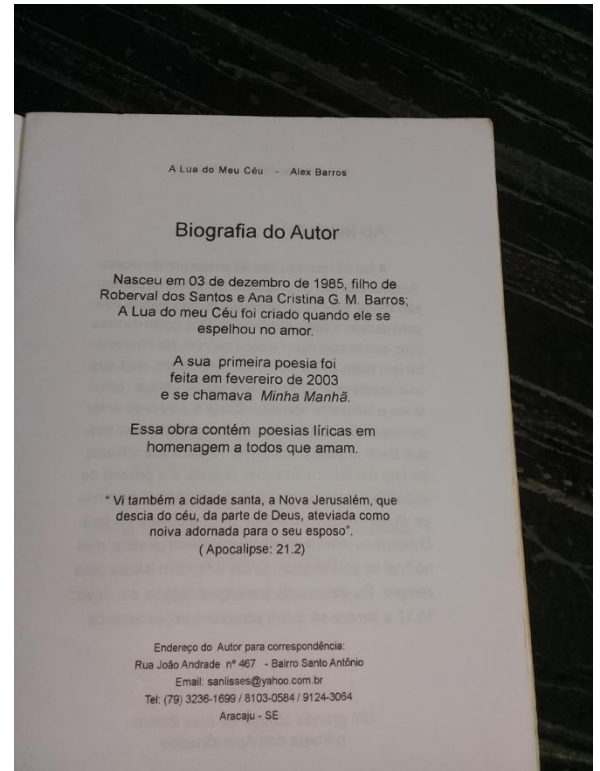
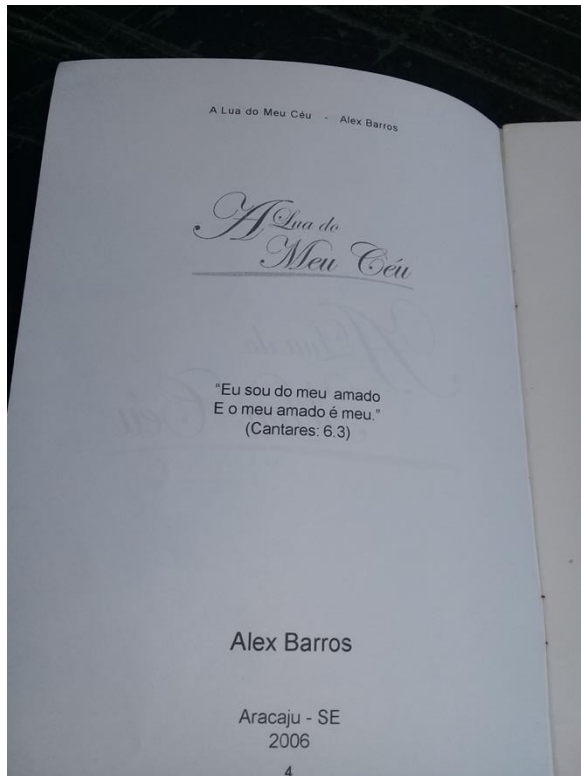
SERGIPE, Turismo e Informações. **Portal Turismo Sergipe**. Disponível em: [www.sergipeturismo.com](http://www.sergipeturismo.com). Acesso em 27 ago. 2018.

TONINI, Nelsi Salete; ZACK, Bruna Tais; CONSTANTINI, Mireile Cristina. **Inserção de pacientes com esquizofrenia no meio familiar**. Campus de Toledo, Paraná, 2014.

VERMELHO, Portal. Disponível em: [www.vermelho.org.com.br](http://www.vermelho.org.com.br). Acesso em 27 ago. 2018.

## ANEXOS

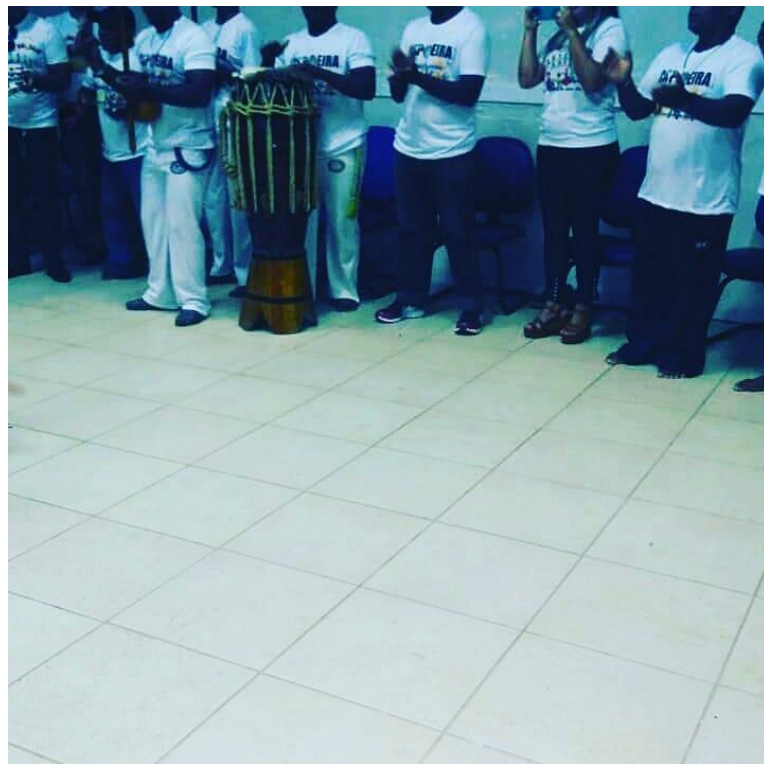
Fotografias do autor sobre sua trajetória e complementação das imagens usadas no corpo do texto:











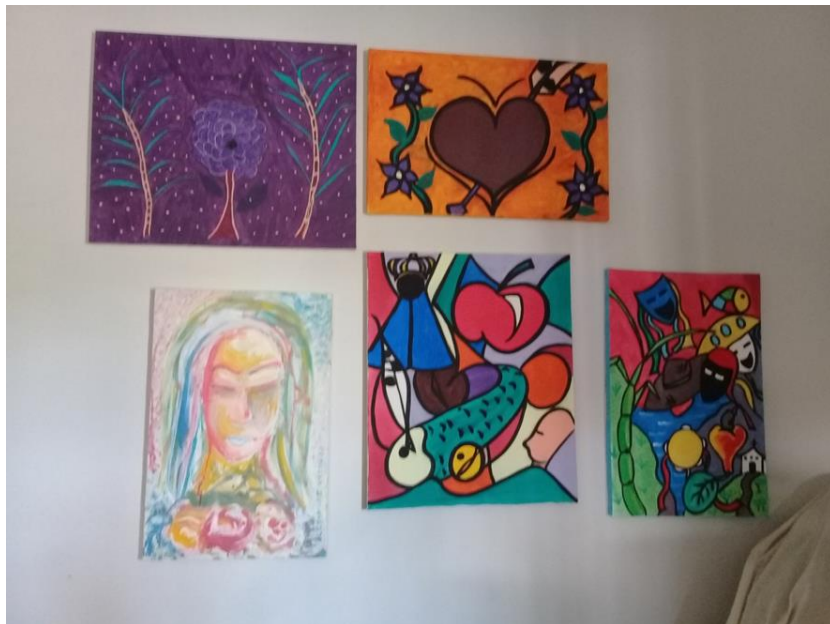
















Questionário de Avaliação de Exposição  
Exposição: "Bompassado: Memória da Infância"

Data de visita: 20/02/18

1. Identificação  
Nome: Alex Roberto Barros Santos  
Ocupação/Profissão/Curso: Estudante

1.1 Sexo:  
Masculino ☒ Feminino ☐

1.2 Faixa Etária:  
Menor de 10 anos ☐ Idoso de 10 anos ☐ 20 a 30 anos ☐  
Mais de 30 anos ☒

1.3 Procedência: Aracaju-SE

2. Como ficou sabendo da exposição?  
Notícia ☐ Amigos ☐ Internet ☐ Convite ☒ Outros ☐

3. Como você avalia a exposição?  
Muito Satisfeito ☐ Satisfeito ☐ Pouco satisfeito ☐ Insatisfeito ☐

4. Você indicaria outras pessoas a visitarem a exposição?  
Sim ☐ Não ☐

5. Faça alguma sugestão ou observação sobre a exposição.  
Esta exposição ficou tão boa que  
mostro toda a história da família.

Práticas culturais dos caps versus as barreiras sociais

Objetivo: A finalidade desta exposição é quebrar os preconceitos sociais que incentiva as pessoas especiais a viverem longe da sociedade. No entanto a exposição mostra os trabalhos artísticos de cunho terapêuticos e práticas culturais como roda de capoeira estas práticas culturais servem para combater o medo das pessoas especiais que impede a inclusão social, baseado no mito da loucura ser sinônimo de violência no meio social. Logo, esta exposição serve para quebrar estes mitos que deficientes é sinônimo de incompleto e que não pode trabalhar, estudar, fazer obra de arte e não pode conviver em sociedade.





